AVL

Academia Volta-redondense de Letras

AMOR AO PRÓXIMO

Conto

Rodrigo Hallvys - 2021

Manhã de segunda-feira. Um dia que acabara de se iniciar embaixo de sereno e, repentinamente, o calor trazido pelo verão era sentido pela população. Um vapor que subia do asfalto, dos motores dos automóveis e até mesmo do transpirar dos corpos humanos, tendo em vista que parecia toda a população atrasada para iniciar os trabalhos da semana. Pode-se haver dúvida se as pessoas ligeiramente molhadas estavam por suor, ou até mesmo por terem andado muito tempo embaixo do sereno até o ponto de ônibus, ou estarem em algum ponto sem cobertura enquanto esperavam infinitos minutos até que o veículo desse o ar das graças. Afinal, é a realidade daqueles que dependem do transporte público em qualquer cidade; ainda mais em uma cidade onde é insuficiente pelo número de habitantes.

Eis que, ao partir do segundo ponto, o veículo já se encontrava em lotação. daquelas em que você tem a impressão de ver um pernilongo grudado no vidro por não haver espaço nem para ele, pobre e pequeno inseto esmagado pelas massas exauridas do cansaço festivo - ou não - do fim de semana.

Quando já de passagem pelo segundo bairro de seu itinerário, o motorista do ônibus abriu a porta do veículo em mais uma parada, gerando protestos e xingamentos de passageiros. Ali embarcaram mais cinco pessoas, onde na verdade já havia mais de vinte extrapolando o limite máximo. Entraram duas senhoras bem idosas, aparentemente irmãs, que auxiliavam uma a outra, mesmo levando em conta suas notórias dificuldades para caminhar e se posicionar milimetricamente no raro espaço que poderiam obter ali. Entrou uma mocinha, com um bebê amarrado ao seu corpo, dividindo opiniões entre os passageiros.

-Como pode uma falta de cuidado dessas? Uma mãe que realmente zela pelo seu filho não entraria em um ônibus tão cheio! - murmurou uma mulher que estava confortavelmente tomando ar na janela, mas que não se prontificou a ceder seu lugar à necessidade de aconchego maternal que defendia.

-Ela está protegendo como pode a criança! E nem sempre temos opções que nos são tão vantajosas. - retrucou o homem sentado ao lado da crítica mulher, levantando-se e oferecendo seu lugar à mãe, que tímida se encontrava, ao perceber tantos olhares de reprovação.

Ao sentar-se, deixou cair a pequena bolsa que carregava. E o mesmo homem buscou o desgastado objeto, entregando-lhe em seguida.

-Obrigada! Estou levando meu pequeno para tomar mais uma vacina, e meu marido precisou ir cuidar do pai, que está doente! Estou desajustada, né? - antecipou-se em justificar a situação.

-Primeiro filho? - perguntou o homem.

-Sim! E tendo consciência de como as coisas estão, creio que será apenas este. Educar filho é muito mais do que dar comida e teto. É ensiná-lo a não ficar julgando os outros também, né? No mundo de hoje isso é um desafio. - comenta a jovem mãe.

O homem automaticamente olhou para a confortável senhora que estava na janela, agora dividindo o banco com a lactante e seu bebê. Olhar que deixou claro como a resposta vem para quem precisa ouvir. A senhora, demonstrando-se orgulhosa, levantou uma das sobranceiras, não disfarçando inerente ar de superioridade.

Enquanto isso, entrava também no veículo o quinto passageiro da parada - e último da viagem, perante os anseios dos demais passageiros - com também dificuldade para caminhar. Um senhor com sobrepeso, cerca de seus sessenta e poucos anos, tendo a barba por fazer (fato que nos causaria dúvida sobre sua real idade). Uma barba levemente grisalha. Roupas bastante surradas pelo tempo e tão quão sujas. Os cabelos também demonstravam não receber um corte há muitos meses. As unhas das mãos carregando embaixo de suas pontas bastante sujeira e as dos pés escondidas por um par de tênis, muito desgastado e com alguns furos.

Se o ar de condolência se esplandecia pela dificuldade apresentada por aquelas duas senhoras primeiras, gradativamente posicionou-se contrário, passando pela mãe que carregava seu bebê, até o ápice da revolta com a presença do citado senhor.

Ora, qual o problema em deixar aquele senhor entrar em um ônibus que já tenha levantado a bandeira do coração de mãe, 'onde sempre cabe mais um'?

A questão é que tal coração parecia que sofreria em breve um infarto.

Todavia, o primeiro órgão demonstrando real incômodo (além do olho, que deixava clara a contrariedade por parte dos passageiros quanto à presença daquele senhor) era o nariz. Sim! O nariz! Pois através dele percebia-se o odor que o homem exalava no ambiente.

Se antes o visual do senhor demonstrava falta de asseio, agora seu perfume natural de um ser humano exposto há alguns

dias sem banho e troca de indumentária sugeriam total falta de cuidados para com sua higiene pessoal.

Ao perceber que aquele senhor se encontrava com uma de suas pernas ferida, um gentil rapaz - aparentemente estudante do Ensino Médio - abraçou sua própria mochila e levantou-se para que o senhor pudesse repousar seu corpo.

Sentou-se naqueles bancos que ficam em cima dos pneus do ônibus. Daqueles nos quais os passageiros podem perceber se possuem alguma dificuldade ergonômica ou de hemorroidas, quando o veículo passa sobre um quebra-molas ou em falhas no asfalto. Claramente quem não possuía tais dificuldades passa a tê-las a partir de uma dessas viagens, levando-se em consideração a falta de cuidado do poder público com as vias de determinados bairros em qualquer cidade.

Enfim. O motorista causa forte arranque com o ônibus antes de fechar as já destruídas portas. As janelas começam a trepidar e o som das engrenagens evidencia a falta de manutenção de lubrificantes nas peças.

Tudo conforme o costumeiro cotidiano. Exceto a presença daquele senhor.

Mas por quê?

Porque seu odor se alastrou, sem menor amor ao próximo, pelo interior do veículo. As pessoas começaram a desafiar a lei da física e se aglomerar ao fundo do ônibus, como se tentassem dizer que cerca de cinquenta corpos conseguem - sim! - ocupar um mesmo espaço.

Foi um tal de dar sinal para descer do ônibus. Nunca se havia visto um esvaziar do carro tão ligeiro em poucos pontos de ônibus. Esses, por sua vez, ainda longe do ponto que realmente é costumeira a decida da multidão.

Tampava-se o nariz. Gente se abanava. Janelas eram escancaradas para trazer mais ar (fato que fazia o odor circular ainda mais rapidamente e atingir as mais longínquas fossas nasais que ali se encontravam). Passageiros demonstrando náuseas. A senhora, que outrora havia julgado a lactante, agora olhava para aquele homem como se o estivesse fuzilando. Houve passageiros descendo em todas as paradas.

O motorista, acostumado com as intempéries de sua profissão (e protegido, obviamente, pelo início da corrente de ar no veículo), seguia tranquilamente, com olhar de paisagem panorâmica, como se nada estivesse acontecendo. Muito embora, por vezes, aparentou uma tendência à naturalidade de atuação, digna de um praticante das técnicas cênicas de Stanislawski.

Já o senhor, tímido e notoriamente cansado, manteve-se de cabeça baixa. Não dá para dizer com precisão o que sentia. Se era apenas cansaço (e cansaço de quê?), se era vergonha, se era

desilusão por uma suposta vida que levava (qual seria?), ou ainda qualquer outra possibilidade nesta infinita gama de realidades desconhecidas na vida alheia.

O fato é que o ônibus parecia ser uma versão contemporânea (e não exatamente evoluída) das ágoras, onde ali se julga e condena em praça pública. Em um determinado momento, parecia que o único indivíduo que não julgava o senhor era aquele bebezinho no colo da mãe, muito embora a criança recém-nascida tenha coçado o nariz algumas vezes, demonstrando desconforto no olfato.

Já com cerca de vinte minutos de viagem, quase a metade dos passageiros já havia se retirado antecipadamente e poucos ainda se mantinham de pé. Não por não haver mais lugar para sentar, mas porque estar de pé no corredor tornara-se uma posição mais confortável de alcance à corrente de ar, do que sentado longe das janelas, que por sua vez estavam todas ocupadas.

O ônibus encosta para mais um passageiro entrar. Houve quem dramaticamente sussurrasse:

-Moço! Salve sua vida! Não entre aqui! Estamos em situação catastrófica!

Para a surpresa de todos. O tal "moço" era um senhor de uns setenta anos, franzino, praticamente careca, com óculos gastos e uma roupa social que tipicamente utiliza para ir à missa aos domingos, antes de passar na feira para comprar seus preciosos vegetais para o almoço.

Mas a surpresa era pelo moço não ser tão moço? Ou por ele estar sorridente enquanto tinha, em suas mãos, um envelope que visivelmente era de resultados de exames?

Não! A surpresa é porque o tal "moço" conhecia e parecia ser muito amigo do senhor com estética de abandonado.

Ao perceber que se conheciam, a moça que ao lado do fedido senhor ainda estava sentada, com seu último suspiro, puxou fôlego do ar pela janela e direcionou a fala ao "moço".

-Senhor. Sente-se aqui. Eu já vou descer! - falou, segurando a respiração, em um misto de esperança e sobrevivência em sua face.

O "moço" agradeceu a gentileza (que na verdade era atitude de desespero) da "moça" e sentou-se em seu lugar. Ela, por sua vez, foi também para o fundo do ônibus e não desceu coisíssima nenhuma do veículo nos pontos seguintes, evidenciando que só precisava de um motivo para se levantar sem transparecer-se desrespeitosa para com a situação em que aquele senhor se encontrava.

-Tanto tempo não lhe vejo, Bastião! Por onde anda? Como estão as coisas? - perguntou o "moço" novato do cenário móvel.

Tal pergunta ecoou pelo ônibus, alastrando-se como ocorria com o odor, despertando a curiosidade, possivelmente até do bebê, sobre como era a vida daquele homem que se tornou o centro das atenções (e porque não dizer 'sensação'? Já que ele mexeu com as sensações de todos).

-A gente vai levando com fé, Beto! Passei o fim de semana vendendo potes de doces de mamão para pagar o tratamento da minha mulher. A Dalva ainda está no hospital. E para completar, fui assaltado, me amarraram, levaram meu dinheiro todo. Me jogaram no meio do mato em algum lugar que não reconheço, e agora de manhã que consegui chegar à estrada para pegar um ônibus. Ninguém dá carona para quem está sujo. Estou indo à delegacia dar parte na polícia. Mas o que me dói é que perdi o dinheiro do tratamento da Dalva para esta semana - falou, iniciando o choro, envergonhado.

E o no restante da viagem nenhum olhar ou palavra a mais. Apenas se via os dois amigos abraçados, ao som do choro, do trepidar das janelas e do motor do ônibus.